

A CAPOEIRA NA/DA BAHIA
Crônicas do Cotidiano da Arte

REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

VICE-REITOR

Silvio Luiz Oliveira Soglia



Editora UFRB

SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Ana Cristina Fermino Soares

Ana Georgina Peixoto Rocha

Robério Marcelo Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

Simone Seixas da Cruz

SUPLENTE

Ana Cristina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

JEAN ADRIANO BARROS DA SILVA

A CAPOEIRA NA/DA BAHIA
Crônicas do Cotidiano da Arte



Cruz das Almas - Bahia / 2014

Copyright©2014 Jean Adriano Barros da Silva

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica:
Júnior Bianchi

Revisão, normatização técnica:
Carlos Alexandre Venancio

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme
decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

S586c Silva, Jean Adriano Barros da

A capoeira na/da Bahia: crônicas do cotidiano da arte /
Jean Adriano Barros da Silva. -- Cruz das Almas/BA :

UFRB, 2014

80 p.

ISBN 978-85-61346-60-7

1. Capoeira 2. Educação 3. Cultura I. Título.

CDD 796.81

Ficha catalográfica elaborada por: Ivete Castro CRB/1073



Editora UFRB

Campus Universitário

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro – 44380-000 Cruz das Almas – BA – Tel.: (75)3621-1293

gabi.editora@ufrb.edu.br – www.ufrb.edu.br/editora

www.facebook.com/editoraufrb

À

*Judite e Dôra, avós queridas, por terem
me ensinado a acreditar no impossível.*

*Adriano e Lala, meus pais, pela educação
e exemplos guias de uma vida inteira.*

*Mestre Decânio, pela força de vida que
me faz seguir e crer em dias melhores.*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
1. Menino quem é teu Mestre?	11
2. Capoeira e a miséria como campo do negócio	15
3. Capoeira Angola e Regional: fugindo da aparência e ressaltando a essência.	21
4. A evolução da Capoeira no mundo: caminhos de “esterilização” da arte para “fertilização” do negócio	25
5. A ditadura na (de)formação do Capoeira	31
6. A Capoeira no labirinto das possibilidades: história, símbolos, significados e significantes.	37
7. GRANDE grupo ou GRUPO grande? Desafios e perspectivas da administração institucional em Capoeira	43
8. Vida de Berimbau	51
9. Em busca do Grupo perfeito	55
10. Festas, batizados e encontros.....	59
11. Capoeira: a transmutação do sensível ancestral para o racional funcional.....	65
12. Capoeira Baiana: entre a militância cultural e o fortalecimento conjuntural.	71

PREFÁCIO

José Luiz Cirqueira Falcão¹

O livro de contos *A CAPOEIRA NA/DA BAHIA: Crônicas do Cotidiano da Arte*, de Jean Adriano Barros da Silva, conhecido no meio capoeirístico como Jean Pangolin, é uma leitura recomendada para aqueles que se encantam e se deleitam com os ensinamentos e as reviravoltas da Capoeira.

Jean Pangolin, comprometido e engajado, articula a dinâmica cultural da capoeira com os problemas e dilemas sociais e dessa complexa e necessária articulação apreende brilhantes ensinamentos e os propaga aos seus discípulos do GUETO, aos seus confrades e ao mundo da capoeira.

Mestre da Academia, da roda de capoeira e da vida, entusiasta e difusor da cultura soteropolitana pelo Brasil e pelo mundo, Jean Pangolin vem propagando um ideário cultivado a partir das lições do cotidiano, sem idealismos, romantismos e oportunismos.

As crônicas compiladas neste livro nos remetem a profundas reflexões sobre o cotidiano das/dos capoeiras. Temas como formação, hierarquização, esportivização, tradição e mercadorização são abordados com contundente leveza pelo

¹ Doutor em Educação pela UFBA e Mestre de Capoeira do Grupo Beribazu.

Mestre Jean, que, ao problematizar e, por vezes, contestar conceitos arraigados no imaginário da capoeira, nos brinda com uma perspectiva crítica e realista dos dilemas vividos nesse contexto.

Experiência acumulada associada à imersão crítica no cotidiano é a equação adotada pelo Mestre Jean para expor, de forma simples, clara e direta, ideias e reflexões tão candentes emergidas de um universo densamente contraditório, como é o da nossa capoeira.

Eis aqui, por fim, uma leitura para ser constantemente revisitada.

1 | Menino Quem é Teu Mestre?

Segundo o dicionário do folclore brasileiro de Luiz da Câmara Cascudo, mestre é todo exímio trabalhador manual, aquele que ensina, ou título dado a membros de uma comunidade por exercerem profunda relação com algum saber, em forma de respeito. Na capoeira o título de mestre é dado a todo aquele que a partir do reconhecimento público de serviços prestados a uma comunidade consegue se firmar como tal.

Nossa reflexão começa a partir destas definições, pois se faz necessário, mais do que nunca, tentarmos desmistificar a figura do mestre de capoeira, pois só assim conseguiremos modificar grandes equívocos ocorridos no processo de formação de cada discípulo. Vale ressaltar, que este texto não pretende de maneira alguma esgotar o assunto nem se firmar como verdade absoluta, mas sim servir de base para estimular algumas reflexões sobre a arte capoeira e seus “mediadores”.

Em minha jornada pela capoeira da Bahia, “berço” dos maiores mestres do Brasil e do mundo, sempre me deparei com situações as quais até hoje não consigo compreender a lógica norteadora, vi mestres obrigando os alunos a lhe chamarem de mestre, mestres onipotentes de um saber

fantasioso, existente, apenas em seu imaginário, mestres incapazes de se reconhecerem como humanos e como irmãos, mestres articulando contra as novas gerações por medo do novo etc... Infelizmente este é o retrato mais atual da capoeira na Bahia, contudo nem tudo está perdido, pois a capoeira está em constante processo de transformação, e ao contrário do que muitos “mestres” desejam a formação de seus discípulos não está restrita exclusivamente a ele, mais sim, a todo um contexto que esta despertando para um novo rumo.

Precisamos compreender que mestre não é aquele que diz o que é certo ou errado, mas aquele que poderá lhe conduzir ao entendimento do erro e do acerto, mestre não é aquele que avalia o produto final, mas aquele que participa do processo de construção, mestre não é aquele que se firma por que é divino e sim pela sua condição humana, mestre é aquele que compreende o erro do discípulo como uma tentativa de acerto, mestre não é aquele que está sempre certo, mas o que está disposto a discutir seus erros e acertos, mestre é aquele que...

A capoeira, caros amigos, não precisa de “líderes” autocratas e sim de mediadores, pois todo processo herdado da sociedade africana infelizmente foi interpretado e está sendo praticado de maneira equivocada por alguns. Assim quando pensamos no respeito ao mais velho, por sua experiência como fonte de saber, este só tem sentido mediante o respeito ao mais novo e ao contemporâneo, pois um mestre sábio, na maioria das vezes, é fruto de um processo de formação em

que este foi valorizado em todas as etapas. Assim, precisamos tornar as relações entre mestres e discípulos mais flexíveis, horizontalizadas e verdadeiras, pois só desta maneira conseguiremos harmonizar a formação de nossos futuros mestres.

É importante à reflexão profunda de cada mestre, a cada dia sobre sua prática, pois o que lhe concede a condição de mestre é também o fato de poder contribuir com a formação de outros, haja vista, não existe mestre sem discípulo. Neste sentido, por outro lado, cada discípulo precisa compreender que o mestre surge de dentro para fora, como uma flor que precisa ser regada para crescer forte e bela, não sendo necessário, no meu entendimento, depositar exclusivamente nas mãos de terceiros o que fomos, somos e seremos, mas sim reconhecer nestes terceiros uma possibilidade a mais de contribuição em nosso processo de formação.

2 | Capoeira e a miséria como campo do negócio

A atualidade tem nos apresentado um crescimento desenfreado de trabalhos sociais em comunidades de risco social e pessoal na periferia de grandes centros urbanos, reforçando a ideia dos inúmeros benefícios educativos da capoeira para crianças, jovens e adultos destas áreas. Assim, pretendemos neste texto refletir sobre algumas das inúmeras contradições que circundam esta prática a partir de sua pedagogia e relações com o poder público e privado.

História e terceiro setor

Um olhar mais cuidadoso da história recente poderá certamente revelar as diversas relações entre a proliferação das ONGs e afins (Terceiro setor) e as modificações cíclicas do modo de produção. Neste sentido, trataremos especificamente da transição do Fordismo/Taylorismo para Neoliberalismo, caracterizando uma espécie de enxugamento dos gastos do estado a partir de privatizações e transferência de responsabilidades sociais para a sociedade civil, via efetivação do terceiro setor no papel antes desempenhado e de responsabilidade

constitucional do estado. Assim, foi possível perceber no Brasil, por volta da década de oitenta e noventa uma série de medidas estatais de orientação neoliberal, e não por acaso, justamente neste período temos uma proliferação de diversas ações sociais dos grupos de capoeira nas periferias e uma série de editais públicos voltados para instituições do terceiro setor, criando uma espécie de corrida do ouro para os grupos de capoeira que viviam em busca de sua estruturação e autonomia financeira.

Toda esta nova demanda e possibilidades para os capoeiras, apresentava-se como uma luz no final do túnel da sobrevivência institucional em uma nação que pouco valorizava sua cultura e possuía historicamente uma repulsa as práticas de herança afrobrasileira, contudo, este novo caminho também representava a necessidade de uma formação administrativa que os grupos de capoeira ainda não possuíam, bem como uma adaptação/cooptação, ainda que relativa, dos princípios antes defendidos pelos antigos mestres desta arte, considerando uma formação humana prioritária em detrimento do capital, ou seja, ter um jovem ou criança matriculado em um projeto social de capoeira, já não representava prioritariamente uma educação capoeirística, mas sim um número a mais nos relatórios de prestação de contas das agências de financiamento público e/ou *status* simbólico quantitativo de membros.

Este aspecto citado acima também nos ajuda a entender o processo de transformação pedagógica na capoeira dos projetos sócias, considerando o desvio de foco do educando e

sua formação humana, para uma capoeira tecnicista, performática e mercadorizada, modificando processos pedagógicos reconhecedores da diversidade em detrimento de uma pasteurização uniforme do indivíduo sobre égide falsa da necessidade de identidade de cada grupo.

Os grupos passaram a transformar os educandos de projetos sociais em “soldados” dos diversos projetos ideológicos defendidos por seus respectivos mestres, que ampliavam o poder de agressividade dos envolvidos na dura realidade das periferias, transformando-os em braço de luta da disputa de mercado no negócio da capoeira, principalmente pela fragilidade intelectual e moral no bolsão de miséria que os envolvia.

A pedagogia na/da miséria

Como na hierarquia militar, os grupos passaram a criar categorias de membros, subdividindo seus integrantes entre aqueles que seriam os executores técnicos não pensantes, os não tão bons tecnicamente pensantes e aqueles sem o menos talento técnico e interesse pela continuidade na capoeira, que só serviriam para pagar a mensalidade e financiar as ações do grupo. Obviamente que esta categorização citada representa uma alegoria grosseira do quadro hierárquico de cada trabalho de capoeira sob a influência negativa do jogo com o capital, não cabendo aqui interpretações ao pé da letra da realidade.

Para esta estrutura citada acima, cabia aos projetos sociais a função formativa em larga escala daqueles que por uma vivência com mais oportunidades motoras, pela vida nas favelas com vielas, cercas, muros e outros desafios corporais, seriam privilegiados por habilidades compatíveis ao desenvolvimento técnico na capoeira. É importante lembrar que também pela ausência na realidade destes indivíduos de uma escolarização adequada, condições de moradia e alimentação, os mesmos seriam facilmente conduzidos pelas ordens do mestre, que canalizava as habilidades técnicas e revolta social de crianças e jovens para o enfrentamento contra outros grupos na concorrência de mercado.

A garantia desta pedagogia não pensante estava diretamente condicionada a um método de ensino que privilegiasse palavras de comando, gritos de ordem e uma prática extremamente tecnicista e padronizada, pois assim o processo de controle estaria garantido, bem como a dificuldade para um desenvolvimento mais crítico que pudesse questionar toda estrutura de alienação formativa. Desta forma, estes trabalhos sociais que poderiam representar uma alternativa de liberdade na lógica freireana, estruturavam-se cada vez mais como castradores da autonomia, da crítica e da criatividade, e tudo isso encoberto sob o manto da solidariedade humana.

Sobrevivência e formação profissional

Com o passar dos anos o feitiço virou contra o feiticeiro e

um grande problema surgiu, relacionando a enorme quantidade de pessoas envolvidas nos projetos e os poucos recursos disponibilizados para manutenção e sustento destes indivíduos, que por sua formação deficiente, foram adestrados para receberem ordens e acostumados com uma política assistencialista de doação de calças, camisas, mensalidades, cursos e afins, que já não cabiam no orçamento institucional. Desta forma, por apresentarem uma atitude viciada, por conta da formação, estes não conseguiam gerar recursos via trabalhos com capoeira, pois não possuíam a qualificação exigida pelo mundo do trabalho e, em sua grande maioria, também não conseguiam o apoio necessário institucional ou de seus mestres, pois eram encarados como possíveis concorrentes na guerra de mercado, considerando suas habilidades técnicas, antes tão valorizadas pelos que hora a temiam. Assim, só restava a estes novos professores serem absorvidos pelos próprios projetos sociais.

Outro fator importante é que sendo os formadores dos projetos sociais geralmente oriundos dos próprios projetos, estes transformavam em uma bola de neve todos os conflitos já citados, pois eram reproduzidos sem nenhuma reflexão mais crítica, ou seja, os jovens e crianças das periferias estavam condenados exponencialmente aos absurdos, frustrações e equívocos dos professores emergentes, transformando estes trabalhos em plataforma de ascensão hierárquica na carreira de capoeira, inseridos no jogo de autoafirmação e disputa de poder dos futuros déspotas/mestres.

Em nossa percepção, os inúmeros projetos sociais inseridos na lógica citada acima, acirraram o processo de exploração do homem pelo homem, pois ajudaram a colocar no mundo da capoeira uma série de profissionais desqualificados que foram e estão sendo usados pelo deus mercado sem se dar conta criticamente deste processo.

Queremos destacar neste texto, que nossa intenção não foi homogeneizar todos trabalhos sociais, nem tão pouco desqualificar a relevância destes nas periferias dos grandes centros, considerando o papel importantíssimo desempenhado pelos grupos de capoeira em locais abandonados pelo estado brasileiro. Assim, acima de tudo, queremos propor uma reflexão sobre os temas complexos que circundam a formação nos projetos sociais, ressaltando a importância de pensarmos sobre os nexos com o capital e toda conjuntura da capoeiragem.

Por fim, destacamos que nossa escrita parte de constatações do real, principalmente a partir também de nossa experiência junto ao projeto social Camaradinhas, criado em Salvador - Bahia no início da década de noventa, e de todas as suas transformações na luta pela sobrevivência na sociedade do espetáculo, em tempos de comando de uma esquerda falseada por princípios neoliberais e um forte academicismo burocrático improdutivo de leitura da comunidade de capoeira.

Adeus, adeus...

Boa viagem...

3 | Capoeira Angola e regional: fugindo da aparência e ressaltando a essência

O diálogo que propomos aqui faz referência ao universo das aparências no mundo da capoeira, ou seja, queremos tratar sobre os equívocos em relação à tradição herdada da obra de Bimba e Pastinha, que vez ou outra, são citados como forma de justificarem ou validarem práticas que em muito se distanciam da realidade dos estilos desenvolvidos no processo histórico da capoeiragem.

Iniciaremos abordando um pouco sobre o conceito de Tradição em Capoeira, pois este tem sido mal compreendido e utilizado de forma errônea para validar posturas que em nada se relacionam com os ensinamentos básicos da arte. Nesse sentido, precisamos entender que a tradição não pode ser encarada como algo imutável e/ou verdade única, pois sempre estará se desenvolvendo como fruto de cada tempo histórico e suas necessidades. Assim, em se tratando da capoeira, a grande maioria das coisas as quais chamamos de tradição atualmente foi inventada por volta da década de trinta, fato que comprova a mutabilidade do tradicional, contudo, não podemos negligenciar o valor destas transformações, ainda que recentes, para justificar inovações atuais incoerentes com os princípios

capoeirísticos, pois aí estaríamos cada vez mais nos distanciando do potencial educativo simbólico de nossa arte.

Grupos intitulados atualmente de Angola ou Regional, tem apresentado um disparate metodológico e de fundamentos quando investigamos a matriz do estilo que se dizem defensores, pois estes tentam fundamentar suas práticas em uma simbologia superficial e negligenciam princípios fundamentais dos estilos, ou seja, temos observado situações absurdas que estão paulatinamente confundindo os mais jovens e ainda criando paradigmas e verdades absolutas que em nada se relacionam com os trabalhos de Bimba e Pastinha.

No caso da Regional, temos observado a redução deste estilo a simples utilização das sequências, da bateria com um berimbau médio e dois pandeiros surdos, balões, uso da marca alusiva ao signo de Salomão numa camisa e principalmente ao abuso em relação aos ensinamentos de Bimba e outros fatores, fato que consideramos lamentável, pois não vemos os mesmos grupos preocupados em desenvolver os laços afetivos entre seus membros da mesma forma fraterna e respeitosa da tradição Regional, sendo seus praticantes apenas “peças” da engrenagem de negócio no mundo atual. Os capoeiristas desta “New Regional” se esquecem de investigar a sistematização do estilo e a relevância oral dos mais antigos que fizeram parte da convivência para construção deste processo, desconsiderando que cada símbolo estrutural da Regional só ganhará sentido se considerado num determinado contexto e quando associado a todo o conjunto da

obra, ou seja, usar a bateria não basta, usar as sequências não basta, falar de Bimba todo o tempo não basta, pois a verdadeira forma de revitalizar seu legado seria, em minha humilde opinião, considerar toda a complexidade daquilo que não está descrito no manual da Luta Regional Baiana e sim na subjetividade das relações sociais dos praticantes e nos fundamentos iniciáticos dos ancestrais mantidos por Manoel dos Reis Machado.

Na Angola, o processo não está muito diferente da Regional, pois se vestir amarelo e preto, mesmo sem saber de onde vem estas cores, jogar de forma acrobática e sem gingar muito, cantar de forma difícil de decifrar a letra e ainda ficar com trejeitos exóticos com “caras e bocas” tem definido, em parte dos centros de Angola, a identidade de seus praticantes. Assim, seguindo a formatação citada talvez você seja considerado um “New Angoleiro” e possa vender o seu “produto” para alguém alienado por sua propaganda falaciosa. Absurdo, mas este tem sido o retrato da Angola em parte dos centros no mundo, salvo os grupos sérios existentes e seus grandes mestres, que na maioria das vezes não estão no circuito internacional espetaculizado dos mega grupos.

Alguns grupos de Angola, tem se comportado metodologicamente, como aqueles ditos “contemporâneos”, espetaculizando à prática, mercadorizando as vivências sob a forma de sequências, que de tempos em tempos são modificadas como uma aeróbica na academia de ginástica, garantindo aos mestres/mercado o dinheiro do circuito internacional.

Assim, pouco a pouco, a arte capoeira tem perdido lugar para uma prática “DENOREX”, ou seja, aquilo que parece ser e não aquilo que de fato representa, pois hoje existe uma “indústria” estereotipada de modelos de mestres e praticantes, que tem transformado tudo e todos em algo possível de ser consumido, desvalorizando, o aprender-fazendo, o respeito, a diversidade e a identificação do Ritmo, Respeito e Ritual como princípios geradores da vadiagem.

Queremos ressaltar que nossa intenção não se articula com a depreciação da capoeira Angola e Regional, mais sim pela reafirmação da beleza e contribuição destes estilos para capoeiragem, pois acreditamos que o potencial simbólico da capoeira tem sido negligenciado pelas armadilhas da busca desenfreada por notoriedade e concorrência de mercado de grupos perdidos/encontrados na total obscuridade das perspectivas transformadoras para um mundo mais crítico, criativo e autônomo.

Acreditamos que existem sim possibilidades a luz dos mais antigos e da obra dos que já se foram deste plano de existência, pois trabalhos como da FUMEB, do Mestre João Pequeno, Lua de Bobo e muitos outros, ainda representam um repositório dos fundamentos de nossa arte e neste sentido convocamos toda comunidade para um pensamento crítico e investigativo sobre as “verdades” da capoeira e seus falsos detentores, estes que lamentavelmente tem se multiplicado pelo mundo, considerando principalmente nossa inércia subserviente e desinformação sobre os princípios da capoeiragem na Bahia.

4 | A evolução da Capoeira no mundo: caminhos de “esterilização” da arte para “fertilização” do negócio

O reconhecimento da capoeira na atualidade se depara com seu mais difícil paradigma, pois precisa conviver com um processo de transformação que, na maioria das vezes, só justifica-se por parâmetros que negligenciam princípios de ancestralidade, oralidade, aprender fazendo, dentre outros, sendo encarados por seus praticantes como ultrapassados e/ou utilizados unicamente nos discursos eloquentes dos “tiranos comandantes” disfarçados de mestres. Neste sentido, nos propomos a refletir sobre algumas questões, que tentarão nos aproximar de alternativas para dialogarmos com a tão famigerada “evolução” da capoeira, apelidada em nosso tempo equivocadamente de Capoeira Contemporânea.

Inicialmente quero tratar especificamente da terminologia, já de início apresenta-se erroneamente, pois faz referência, considerando a grande maioria de capoeiras de senso comum, a um estilo distante da Angola e da Regional, propondo uma mescla dos dois estilos anteriores, mesmo convivendo no mesmo período histórico, ou seja, representando uma pretensa evolução técnica, etc. Assim, se desta forma for encarada, seu nome correto talvez devesse ser Capoeira Futuro, Avançada,

Espacial ou sei lá... E não Contemporânea, pois isso representa algo que convive em mesmo período.

Outro ponto contraditório apresenta-se quando definimos esta nova capoeira “moderna” como algo inusitado, futurístico, pois sua própria origem esteve sempre atrelada no discurso de que a mesma foi forjada a luz da Angola e da Regional baiana e sendo assim, o correto seria dizer que esta simplesmente tentou juntar o que vivia separado, fato que denota uma grande incoerência, pois sabemos, quando investigamos a capoeiragem mais detalhadamente e criticamente, que os trabalhos capitaneados por Bimba e por Pastinha, possuíam muito mais semelhanças do que diferenças, pois ambos foram fruto da história de um determinado local em um tempo específico.

Sobre a técnica desta capoeira evoluída, o que temos visto são consequências desastrosas, considerando os grandes números de lesões, a violência com pouca belicosidade e ainda as atrocidades com relação à biomecânica dos movimentos, pois estes além de não respeitarem os limites articulares e fisiológicos, ainda propõem uma prática completamente distanciada da estética ancestral da capoeira, visto que os capoeiras deste estilo “evoluído” mais se aproximam de ginastas ou acrobatas de circo com pretensões de luta, transformando o jogo em um espetáculo grotesco, pois não conseguem fazer bem nem a ginástica nem tão pouco a luta.

A musicalidade na capoeira tem papel fundamental, pois dela se desencadeia boa parte do processo “ritualístico”,

ou seja, é a partir da musicalidade que os movimentos são executados, os instrumentos são tocados e as cantigas entoadas, contudo atualmente nos grupos intitulados de Capoeira Contemporânea, observamos uma linearidade melódica que não contempla as variantes ancestrais africanas, com letras ceifadas de seu conteúdo para reflexão, já não cumprem tão bem o papel da oralidade e sua documentação da história humana por contos e cantigas. Assim temos percebido que os instrumentos e as cantigas pouco a pouco têm perdido sua função ritual na roda, pois os praticantes além de não valorizarem e desenvolverem esta parte do aprendizado, não conseguem decodificar a influência da musicalidade na prática, negligenciando o papel fundamental desta no desenvolvimento da roda.

A ladainha não arrepia mais, o cantador não se emociona, as cantigas não tratam do universo simbólico da capoeiragem e a forma de cantar tem sido “plastificada” e embalada para vender, criando um exército de cantadores “cópias de alguém famoso”, e se não bastasse isso, as pessoas ainda não conseguem perceber que o mesmo acontece por toda parte no modo de produção capitalista, pois todos querem parecer com os modelos vendidos pela mídia, idiotizados pela propaganda e aumentando o lucro dos “grupos produto”, como um *Big Mac* vendido na esquina de qualquer grande centro.

Em relação aos aspectos filosóficos, temos nosso maior abismo, basta observar os bonecos de *vídeo game* que representam os capoeiras, sempre musculosos, com movimentos

robóticos, com uma negritude estereotipada, e ainda com golpes previsíveis e não característicos, negando os fundamentos difundidos pelos antigos mestres da Bahia.

Soma-se também a este conflito simbólico uma série de situações organizacionais nos grupos de capoeira, aproximando-os administrativamente de empresas e distanciando cada vez mais das práticas humanas e necessidades da capoeiragem em sua trajetória, pois os mestres se transformaram em padrões, as rodas em shows, o conhecimento em produto de venda, as pessoas em números de matrículas e sua filosofia em trabalhos acadêmicos de pessoas que nunca sujaram as mãos fazendo “Aú”...

Lamentável mas esta tem sido a realidade que tenho encontrado em muitas partes do mundo em nossas viagens com a capoeira, e para piorar, se não bastasse tudo isso tenho percebido, com o passar dos anos, que os poucos cabelos que ainda me restam estão ficando brancos e a grande parte dos capoeiras acreditam que nossa arte esta em seu curso natural, como se alguma força alienígena controlasse estas mudanças, não sendo necessário refletir sobre as mesmas e só segui-las.

Quero propor com estas palavras, que não são verdades absolutas e sim um desabafo ingênuo de um capoeirista da Bahia, que existem sim alternativas e estas estão ao alcance de todos aqueles investigadores da matriz ancestral da capoeira e seus representantes mais antigos, observando a forma como jogam, sua fala, como lidam com os instrumentos, seus códigos

filosóficos e acima de tudo como vivem, mesmo não fazendo parte do espetáculo futurístico da Capoeira Contemporânea.

Sugiro uma busca na década de trinta e seus princípios metodológicos para trato com a Educação Física, pois lá encontraremos as bases desta dita capoeira evoluída, comprovando que a mesma não possui nada de moderno e sim uma adaptação mal feita para na atualidade atender as demandas do capital, considerando a dicotomia corpo/mente e o processo de adestramento pelas sequências de ensino idiotizantes, atrofiando o senso crítico e favorecendo o negócio dos mega grupos e seus mestrões.

Despeço-me pedindo força ao Grande Arquiteto do Universo e perdão pela possibilidade de minhas palavras ofenderem camaradas ainda não despertos para as armadilhas desta capoeira mercadorizada, espetaculizada e muito distante das necessidades de aprendizado para evolução da humanidade.

5 | A ditadura na (De)formação do Capoeira

Discutir ensino/aprendizagem em qualquer área já se constitui numa tarefa difícil e arriscada pela gama de informações que o mundo moderno dispõe e por interlocuções com teorias pedagógicas contraditórias e às vezes até confusas. Agora imaginemos esse diálogo tomando como base uma arte com pouco mais de 400 anos, que há 100 anos mais ou menos estava prevista no código penal da república como crime e hoje desponta no mundo inteiro como fenômeno de formação humana para cidadania... Complicado! Mas esse será o nosso desafio nesse momento, discutir o processo de formação de capoeiristas a partir de interlocuções com algumas teorias pedagógicas de formação humana.

Para problematizar o tema, tomaremos como referência o processo de formação dos capoeiristas na atualidade nos grupos e associações de capoeira, pois acreditamos que desta forma poderemos dar conta de compreender alguns mecanismos de ingerência do modo de produção na capoeira e ainda garantir uma análise mais fiel das relações de ensino/aprendizagem nessa área.

Títulos, graduações e poder

A partir da observação dos grupos de capoeira podemos perceber que muitos funcionam estruturados numa forte cadeia hierárquica, atribuindo direitos e deveres aos praticantes, mediante seu estágio (graduação em capoeira), levando-se em conta sua experiência na arte, seu tempo de prática e principalmente sua capacidade docente. Os membros desses grupos são preparados desde o começo para se tornarem mestres de capoeira, cantando, tocando, jogando e etc... Seguindo essa lógica, existe um sistema de graduação que serve para mensurar o nível do capoeira a partir dos requisitos já citados, portanto ser capoeirista hoje significa prioritariamente estar a serviço desse modelo de formação que vive da farsa ou ingênua consciência da tradição de respeito ao mais antigo, que fortalece o poder do mais velho diante do mais novo, como forma de subjugá-lo, sendo assim, cria-se o imaginário de que quanto mais velho for, mais pessoas terá para mandar e mais inquestionável ficará.

Fica fácil compreender o mundo da capoeira na atualidade se pensarmos num quartel militar em que os mais novos sofrem com as ordens dos mais antigos e de maior patente, sonhando em se tornar mais velhos, pelo simples fato de poder retribuir tudo que passaram negativamente, despejando todo autoritarismo possível na relação com os mais novos que chegam. Paulo Freire já nos advertia em sua obra sobre o fato de que todo oprimido traz dentro de si, sendo gestado o opressor,

e que a nossa luta pela liberdade é justamente sair das sombras e marcas de nossos opressores.

Nos “grupos quartéis” a lógica das ralações não funciona diferente das instituições militares, com mestres ditadores, autoritários de saberes imaginários, totais e puros, que transformam os espaços de ensino/aprendizagem em “celas de aula”, aprisionando sonhos, alienando e cultuando a reprodução no intuito de garantir seu julgo, para assegurar seu “negócio” ou simplesmente para ostentar poder, transformando os discípulos em números sem identidade, defendendo a máxima de que o grupo os transforma em indivíduos mais fortes pelo simples fato do número de pessoas, negando a ideia de que “não existe corrente mais forte que seu elo mais fraco”. Quem do universo da capoeira já não se deparou com frases do tipo: “O mais velho sempre tem razão”. “Conversa de Mestre, aluno não participa”. “Qual sua graduação, para estar questionando as coisas da capoeira”. “As coisas são como estão pela tradição”. Sendo assim fica fácil compreender o motivo de tantos equívocos na (de) formação de um capoeira, pois a ideia é que devemos absorver com passividade estas situações para nos tornarmos mestres mais rápido e usufruir da possibilidade de oprimir o outro como escudo de nossa própria opressão.

A formação docente

Os níveis de graduação hoje estão divididos, na maioria dos grupos de capoeira em fase de: Aluno, Formado, Professor,

Contramestre e Mestre, sendo requisito básico para as trocas de estágios mais altos, a capacidade docente, ou seja, o nível do “trabalho” de capoeira, para os adeptos dessa arte significa a quantidade de alunos que possuem ligados a ele, e o tempo que estes permanecem “ligados” a capoeira, toques, cantos e jogos... Portanto se alguém quiser seguir praticando sem ter alunos, logo será “taxado” de mau capoeirista por seu grupo e pela comunidade. A desculpa que alguns mestres usam é que só se aprende capoeira ensinando, logo, se compreendêssemos a relação de ensino/aprendizagem como um via de mão dupla, facilmente perceberíamos os equívocos dos mestres, pois mesmo sem ministrar aulas, um capoeira aprende na própria relação com os outros, sendo o ato de estar como professor, apenas mais uma forma de aprender.

Outro ponto relevante nessa discussão é o fato de que a maioria dos Mestres vive financeiramente também da renda gerada por seus alunos que estão dando aulas, ou seja, cada novo professor funcionará como mais um “empregado” da engrenagem de lucro dos grupos, servindo de fonte de lucro para o Mestre, cobrando um percentual de participação na receita de seus alunos/professores para permanecerem ligados a este ser “iluminado” de sabedoria, o Mestre.

Lamentavelmente, esta é só uma pequena mostra de ingerência do modo de produção capitalista no mundo da capoeira, pois inúmeras são as outras maneiras de mercadorização da capoeiragem na atualidade, estruturada por grupos e

instituições afins que trabalham na lógica de “macdonaldização” da capoeira, com franquias, marcas, métodos enlatados e principalmente com toda uma sistematização subserviente ao lucro. Nessa lógica pouco importa o aprender fazendo, a herança “conflitiva” e “libertadora” da capoeira, a alegria do jogo, o berimbau bem tocado ou as lágrimas de um capoeira ao cantar uma ladainha, contudo a importância desses aspectos poderá ampliar rapidamente, basta engaiolar tudo num DVD, CD ou em alguma outra forma encaixotada para ser vendida nos mercados e bancas de revista da esquina.

Às vezes fico me perguntando: como seria a capoeira sem os livros de Frederico Abreu? Sem os filmes de Jair Moura? Sem a sabedoria de Mestre Decânio? E tantos outros que escolheram continuar na capoeira sem seguir a lógica de ter grupo, formar “trabalhos”... Com certeza a nossa capoeira perderia muito, pois deixaríamos de aprender com as alternativas pedagógicas deste exército de “professores informais” que fizeram a opção de ensinar ao “grupo da humanidade” que capoeira só se aprende capoeirando e ninguém escapa a educação, pois ela está tanto nas academias de capoeira, como nas rodas de rua, nos livros, nos filmes ou numa simples conversa de fim de tarde com Decânio na praia de Tubarão.

Quero deixar claro que este texto não tem intuito de resolver o problema com um passe de mágica, mas propor uma reflexão objetiva sobre a formação de capoeiras, afirmando que não temos nenhuma pretensão profética apocalíptica das

instituições de capoeira, mas queremos sim, propor um diálogo com alternativas de participação no mundo da capoeiragem que possam contribuir de diferentes formas para o seu crescimento, de maneira crítica, autônoma e com criatividade.

Precisamos reavaliar os currículos de formação, os métodos de ensino e principalmente um sistema de graduação atual, que está pautado na hierarquização burocrática da capoeira voltada para o lucro.

Por fim, digo que esses pensamentos partiram de um indivíduo que faz parte de um grupo, segue um sistema de graduação, vivenciou alguns dos equívocos de formação já citados e está inconformado, portanto, com pouca tolerância para continuar de maneira passiva e submissa, fortalecendo um sistema que está destruindo a capoeira na sua “matriz”, esterilizando-a e transformando seus representantes em reprodutores dos ditames do capital.

6 | A Capoeira no labirinto das possibilidades: história, símbolos, significados e significantes.

Em um mundo de dualidades e dialéticas, tentaremos discutir algumas questões para além do certo e errado, preto e branco, sol e lua, dia e noite, bem e mal. Propomos uma “trialética” nas possibilidades, pois queremos dialogar com uma terceira lógica (polilógica), que acrescente sem inviabilizar ou sobrepor as anteriores, queremos cantar “cantando” de improviso ou tocar no improvável de um ritmo que ainda não pertença a ‘melodia” da vida cotidiana, inalterada e sistematizada pela repetição burocrática dos fazeres pensantes desde Aristóteles. Neste sentido, nos propomos a refletir sobre uma capoeira de perspectiva mais versátil e compatível com a dinâmica cultural, sem contudo desfocar de seus traços ancestrais identitários.

Para esclarecer o intuito deste trabalho, sugiro que imaginemos uma simples árvore, que ao ser olhada por um agricultor desperta o interesse por sua capacidade produtiva, já para homem faminto desperta a perspectiva de alimento por seus frutos, num marceneiro despertaria a ideia de construção de móveis e no cupim despertaria o alimento pela sua madeira, ou seja, mesmo um símbolo simples como uma árvore poderá

despertar diferentes possibilidades de desejos e interpretações a partir dos significados dados, por variados significantes. Assim, trazendo para o mundo da capoeira, se pensarmos no berimbau, símbolo máximo da capoeiragem, logo entenderemos, pois o mesmo não fez sempre parte da capoeira, mas hoje é impossível pensar nas rodas sem ele, portanto, o que teria sido dessa necessária associação, se quando o primeiro berimbau que fosse introduzido na capoeira, alguém falasse: “Êpa”... Isso não pode, pois esse instrumento não faz parte das tradições da arte...? Talvez outro instrumento ocupasse o lugar do berimbau, ou não, mas a questão principal não é essa e sim, que em dado momento histórico o novo foi aceito, modificando as regras e sendo ressignificado diante de uma comunidade, portanto pensar hoje em produção de conhecimento em capoeira passa necessariamente por reconhecer a mudança num contexto de significados e significantes.

Como arqueiro de nossa história tencionarei o arco e flecha da vida, puxando a seta do saber para “traz” e apontando-a para frente, flecharei no futuro algumas possibilidades a partir de interlocuções com o passado e seus diferentes contextos. Assim pergunto-me se Bimba hoje teria uma Regional de sistematização tão próxima dos métodos de ginástica, mesmo sabendo que atualmente não estamos tão influenciados por tais métodos e nem vivemos uma ditadura fascista que nos obrigue a criar um método com a “cara” de nossa sociedade? Ou consideraremos puros acasos esses acontecimentos?

Recuso-me, e pela negação desses acasos, proponho nos dias de hoje a “Polilógica”, ou seja, uma possibilidade de análise da capoeiragem que ultrapasse o certo e errado, tradicional e moderno, proponho partirmos para o funcional legitimado pelos atores sociais diretamente implicados nessa arte, defendendo o diálogo para os combinados palpáveis no cotidiano e não as tradições empoeiradas dos livros da estante ou de cabeças do mundo de “Peter pan”, que não admitem crescer, transformando suas práticas em verdadeiras “terras do nunca”.

Ainda temos a Regional de Bimba, Angola de Pastinha ou os berimbaus de Waldemar? Arrisco-me a dizer que não, e isso pelo simples fato de ter sido impossível para Bimba remontar a capoeira de Bentinho, ou Pastinha remontar a de Benedito, pois os tempos mudam as pessoas, e as pessoas mudam os tempos, sendo a dinâmica cultural impossível de ser congelada ou “xerocada” em sua totalidade. Assim, quem se considerar “Capoeira XEROX” atire a primeira pedra...

Quero deixar evidente, que não faço aqui apologia a essas aberrações vendidas por aí com o nome de capoeira, pois não estou defendendo a lógica de que qualquer mudança é necessária e justa, mais sim, que sejam legítimas às mudanças adaptativas da capoeira há nosso tempo, desde que estas tenham referências na ancestralidade histórica e funcional da arte.

Uma preocupação que não devemos deixar passar despercebida, é que não podemos confundir estas mudanças funcionais adaptativas com a subserviência aos ditames do

capital, ou seja, não podemos ingenuamente pensar que a dita capoeira “contemporânea” representa a modernidade, o estilo mais moderno e todo resto é coisa do passado, pois os elementos metodológicos dessa forma “bizarra” de capoeira não possuem nada de “novo”, haja vista, que ainda utilizam processos de estímulo-resposta, macro ginástica, adestramento e sequências idiotizantes, como os velhos métodos de ginástica da década de trinta, sendo assim, o que existe de moderno nessa “nova-velha” capoeira? Talvez seja a aparência superficial ou o significado dado por um significante alienado e desprovido de elementos teóricos para identificar os equívocos dos métodos hora mascarados pela falsa modernidade.

A capoeira contemporânea e seus defensores, argumentam a eficiência e a objetividade, engaiolando liberdades expressivas em sequências de ensino da mandinga, negarças e até mesmo de posturas para se colocar numa roda, ou seja, nos posicionamos radicalmente contra isso, pois seria como tentar reproduzir em séries e sequências, a poesia de Caetano Veloso, as pinturas de Caribé, as composições de Chiquinha Gonzaga ou o canto de Paulo dos Anjos, e isso felizmente não é possível, pois no máximo o que conseguiriam fazer, seriam cópias mal feitas de uma coisa “Denorex”, que parece, mas não é... A nossa capoeira não cabe nessa “industrialização de homens”, e isso não só por minha vontade, mas por sua referência histórica repleta de uma ancestralidade que em seu método, de ensino-aprendizagem, denota um caminho no sentido contrário

ao positivismo dessa ciência “gelada” e dos ditames técnicos – metodológicos alienantes da classe dominante.

É necessário, portanto um processo de investigação da realidade que possa desnudar as contradições do modo de produção, revelando historicamente as ingerências do capital na maior parte de vida humana, incluindo a capoeiragem, ou seja, precisamos verificar criticamente o que chamamos hoje de capoeira e qual seu impacto na formação humana e que projeto de sociedade está sendo defendido na sua prática diária, pois a falácia da capoeira “moderna” poderá facilmente se transformar na mentira, que vira verdade por ser dita muitas vezes.

Sendo assim, por tudo que já foi exposto, precisamos entender que a cultura é dinâmica, e como tal, transforma e sofre transformações, neste sentido, a capoeira de hoje deverá certamente ser diferente da de ontem, e não podemos temer ou resistir a isso, desde que estejamos atentos às referências históricas da arte, sua base filosófica ancestral e as necessidades reais de construção de uma sociedade mais justa, autônoma, crítica e criativa, pois só desta forma asseguraremos a dinâmica cultural sem perder as características que distinguem a prática da capoeira de outras expressões.

7 | GRANDE grupo ou GRUPO grande? Desafios e perspectivas da administração institucional em Capoeira

A capoeira tem apresentado, em sua conjuntura atual, diversas formas de organização, dentre estas, destacaremos neste trabalho uma análise sobre a estrutura dos grupos formais, considerando como ponto de partida os registros sob a forma de associações, cooperativas, federações, fundações e outras. Assim, nossa intenção será apresentar algumas reflexões sobre o impacto das contradições ideológicas do mundo moderno, bem como a crise de transição do informal para o formal no desenvolvimento desta arte pelo mundo.

História e (des)organização institucional

O início da formalização institucional da capoeira invariavelmente segue o período de maior transformação histórica de nossa arte, a década de trinta, período este que registramos a maior parte dos processos de sistematização e formalização. Assim, como em qualquer outra área, estas mudanças aconteceram recheadas com pensamentos ideológicos e conflitos da época, sendo assim, qualquer análise realizada precisará sempre considerar a conjuntura dos períodos e seus reflexos nos setores específicos estudados.

A década de trinta, toda sua formatação técnica militarista, seu forte apelo governamental cultural nacionalista e ainda a necessidade de sobrevivência da cultura afro-brasileira, construíram um cenário de misturas peculiar a este período, que conseqüentemente influenciaram diretamente na estruturação institucional em capoeira nas décadas posteriores.

O desenvolvimento da lógica de necessidade para uniformização, de indumentária, da técnica, formatação de estilos, registros formais dos núcleos de capoeira e ainda uma série de outros fatores derivados das modificações consolidadas a partir da estruturação, principalmente, da Angola e da Luta Regional Baiana. Desta forma, estas por sua vez, também são fruto das necessidades daquele período, seus conflitos e contradições, representando, em minha opinião, os efeitos colaterais dos benefícios de institucionalização.

Estado, sociedade e a passagem do informal para o formal institucional

Com o registro dos centros de Angola e Regional, a partir dos anos trinta, se percebeu que esta poderia se configurar em uma boa estratégia de sobrevivência cultural, pois os mesmos grupos e práticas antes discriminados percebiam agora uma possibilidade de existência sem a perseguição do passado, com possibilidades de negociação com o estado e ainda com reconhecimento social.

O grande problema da situação relatada acima foi que junto aos fatores que pareciam positivos, surgiram demandas administrativas e burocráticas nunca antes vivenciadas pelos mestres, que cresciam em descompasso aos avanços educativos formais dos mesmos, ou seja, como uma faca amolada, podendo ser uma importante ferramenta para sobrevivência, mas quando não bem utilizada pode ferir quem a manipula.

Outro fator muito importante que precisa ser considerado consiste no reconhecimento do registro como um mecanismo de mapeamento, arrecadação de tributos e controle do estado, pois uma prática antes informal e que vivia exclusivamente de suas vivências e experiências em comunidade, agora passava a ter um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), com todas as implicações legais de qualquer outra instituição, sem considerar, a dívida do estado para com a população afro-brasileira, esta oriunda de séculos de exploração e falta de acesso a educação formal, fator preponderante que inviabilizava o diálogo para com as novas demandas institucionais.

A institucionalização da capoeira foi também uma alternativa de empregabilidade para os capoeiristas, pois os processos de registro e sistematização possibilitaram o acesso a escolas, clubes, universidades, condomínios, dentre outros, transformando a prática marginal em uma arte híbrida e com alto poder adaptativo em distintas realidades.

Vale ressaltar que a conjuntura mundial, impulsionada pelo processo neoliberal, favoreceu em muito a proliferação

institucional em capoeira, pois o estado criou uma série de mecanismos para enxugar seus gastos e redirecionar responsabilidades sociais, criando um momento fértil para o registro de associações e afins, pelas inúmeras possibilidades de parcerias com estado, considerando a terceirização do seu papel social, haja vista o grande número de projetos sociais em capoeira existentes hoje e os diversos editais públicos para os mais variados projetos.

A Necessidade de Ser e as Relações de Poder

O que estamos percebendo também na capoeira institucionalizada pelo mundo, tem sido uma busca desenfreada por notoriedade de alguns capoeiras, e estes elegendo o rompimento com suas instituições e criação de novos grupos como possibilidade de ganhar espaço na comunidade, pois na política institucional da maior parte dos mega grupos, os seus membros se configuram como números ou peças da engrenagem de negócio. Assim, lamentavelmente, o número de grupos tem crescido, mas a lógica administrativa tem se mantido, sendo a criação da nova instituição uma simples modificação de razão social (nome).

Os grupos de caciques (chefes e/ou patrões) tendem a criar miniaturas de caciques, como aborda Paulo Freire em sua teoria, todo oprimido traz dentro de si sendo gestado o opressor e assim, principalmente por uma relação de conquista de poder. Sendo assim, a grande maioria inserida nesta lógica, tem à tendência de romper com seus mestres/caciques para se tornar

alguém importante e reconhecido, afirmando uma das maiores contradições da capoeira na atualidade, que é a negação daquilo que me oprime pela afirmação da opressão de outros.

A formatação dos grupos/empresas tem, na sua grande maioria, se organizando de uma maneira muito parecida, pois seguem os modelos das primeiras instituições do setor e estas seguem os moldes da aparência superficial de empresas de grande expressão comercial na expansão de suas filiais pelo mundo, contudo a falta de formação administrativa tem criado um abismo entre o verdadeiro funcionamento orgânico de exemplos como: MacDonald, Ford, dentre outras, e a real condição de acesso ao conhecimento dos administradores em capoeira, que em pouco espaço de tempo precisavam aprender a ler balancetes, pagar impostos, lidar com fornecedores, entender lógicas de mercado etc... Desta forma, os poucos que conseguiram adaptarem-se as novas demandas, passaram a ditar as regras organizacionais em capoeira e a influenciar toda uma comunidade sem informação, por conta do processo histórico de exploração, com valores equivocados e pouco a pouco foram comprometendo princípios norteadores da arte, como: Aprender-fazendo, circularidade, oralidade, valorização do mais antigo e outros, porém o mais grave disso tudo, me parece ser o fato da grande maioria dos praticantes pensarem que a única alternativa de gestão institucional em capoeira está na possibilidade de organização conforme o modelo já consolidado, sem perceber que a manutenção deste só fortalece os

grupos mais adaptados, preparados e com maior potencial de destruição da arte em favor do negócio cultural, pasteurizando o produto, embalando e rotulando para ser comercializado em algum mercado.

Os capoeiras não têm percebido como os rótulos de Angola e ou Regional, desprovidos do arcabouço filosófico dos mais antigos, tem se transformado em mais uma etiqueta de produto e para ter a funcionalidade necessária no mundo do capital, este precisa pagar o preço de romper com alguns valores culturais ancestrais, que quando bem gestados, são os germes catalisadores da destruição do modo de produção vigente.

Um exemplo típico desta reflexão acima poderá ser percebido na relação dos antigos Mestres com os grupos “Macdolnaldizados”, pois o impacto dos mesmos em suas atividades, quando contratados para movimentar o negócio, vai além de uma simples ginástica, considerando os conflitos despertados por sua forma de jogar, tocar, cantar e encantar, e estes têm despertado os mais críticos a refletirem sobre suas práticas, seus dirigentes e principalmente sobre as relações de poder que mantém a empresa funcionando. Assim percebemos a contradição de fomentar o produto a partir de referências que não são seguidas ideologicamente, fato que pode até fortalecer o negócio, mas também poderá colocar em risco a manutenção dos megagrupos, desde que os antigos Mestres compreendam sua função social e seu papel simbólico de guiar os mais jovens no desenvolvimento de uma capoeira mais justa, autônoma e democrática.

Alternativas para ser Bicho da Goiaba

A capoeira e o aprendizado com os mais antigos têm demonstrado que a saída mais interessante para os conflitos sempre será a negociação constante e neste sentido, acreditamos que tão importante quanto o reconhecimento dos desafios e contradições é a movimentação para transformação da realidade. Assim, nos propomos a trabalhar a partir da metáfora com o BICHO DA GOIABA, pois come toda goiaba por dentro sem ser percebido, destruindo a estrutura que está infinitamente maior do que ele, pelo simples fato de parecer inofensivo. Desta forma, por analogia, pensamos que a capoeira deve trabalhar como o Bicho, minando a Goiaba/sistema por dentro, realizando as mediações necessárias para superar as contradições.

Acredito em uma instituição que segue as normas de registro propostas pelo estado e tem a capacidade de dialogar com o sistema, parecendo ser cooptada, mas trazendo em seu funcionamento orgânico o germe catalisador e transformador do modo de produção sem ser percebido.

Para dar consequência a estas ideias, sugerimos uma lógica administrativa colegiada e uma prática fundamentada em princípios de auto-organização, trabalho em equipe e desmistificação da figura do Mestre como centro do processo, considerando o mesmo como um facilitador pelas experiências acumuladas e sensibilidade interpretativa das questões humanas.

Estas reflexões propostas são provisórias e insuficientes diante da complexidade do tema abordado, por isso acreditamos que o maior valor deste material será despertar dúvidas e críticas, provocando o pensamento para uma ação concreta, rompendo a inércia produtiva ou a retórica estéril dos acadêmicos idiotizados pelo conhecimento.

Queremos propor um rompimento com os padrões intrínsecos de gestão em capoeira, apresentando alternativas antigas, já sistematizadas e adotadas por nossos ancestrais no continente africano, logicamente considerando as questões adaptativas para nossa realidade atual, sem, contudo negligenciar os princípios norteadores da arte.

Finalizo dizendo que as ideias apresentadas não são minhas, mas fruto da sabedoria dos antigos Mestres, que provavelmente estão colaborando para destruir concepções do grupo, do qual faço parte, e a lógica de trabalho que acreditei e defendi por anos, mas também tenho a certeza de que como no processo de renascimento da FÊNIX, a capoeira vai despertar e assumir seu papel no processo de evolução da humanidade, e assim de outro plano poderei acompanhar meus filhos e netos com a mesma alegria e encantamento que possuía quando iniciei nesta arte, e fui perdendo, sufocado pela burocratização da cantiga, da técnica, do toque, considerando principalmente o meu sonho de ter, ser ou fazer um GRANDE GRUPO.

8 | Vida de Berimbau

Em algum compartimento de cargas, do trecho Brasil/Europa, dois berimbaus se encontraram por acaso, um deles foi embarcado em Salvador - Bahia e o outro em uma escala no sudeste do país. Um se chamava Cobra Coral e o outro não tinha nome, mas estava bem envernizado, com diversos desenhos e ainda com várias marcas famosas adesivadas em seu corpo.

O Cobra Coral ficou curioso, pois sabia que todo aquele verniz, desenhos e adesivos, poderia comprometer a qualidade do som, assim, meio que sem jeito, resolveu puxar uma conversa... Olá companheiro, como se chama? Um silêncio por alguns segundos pairava no ar, pois pela convivência com o mundo da capoeira, o berimbau do sudeste já tinha se transformado numa figura desconfiada e astuta, mas como os dois estavam sozinhos ali no compartimento de cargas, resolveu responder... Olá, na realidade não tenho nome, pois meu dono nunca pensou nisso... Desde quando fui tirado de um bambuzal... BAMBUZAL... Exclamou Cobra Coral... Sim, pois sou feito de Bambu. Lá onde nasci não existem muitas madeiras para berimbau.

Cobra Coral então lhe perguntou por que ele havia sido guardado ainda armado e se isso não lhe trazia desconforto?

Ele disse... Sim, incomoda muito e já está até me deixando todo envergado, mas o meu dono não se importa muito comigo, pois ele me usa e guarda sem me desarmar... Cobra Coral lhe perguntou sobre todos aqueles adesivos e verniz em seu corpo... E seu casamento com sua cabaça? Hum... Meu dono acha que assim fico mais bonito, mas sinto que meu som já não está mais como antes, mas ele não liga muito, pois também não sabe tocar bem e vive dizendo, basta ligar o aparelho de CD e pronto, terá um som melhor que o meu... Fico triste, mas não tenho muito que fazer... Sobre meu casamento, na realidade nunca aconteceu, pois foi um encontro arranjado e sem amor, pois até hoje não nos entendemos bem... Ela em um tom e eu sempre em outro.

Cobra Coral pensou... Pensou... Aí resolveu falar algumas coisas para o berimbau de Bambu... Meu amigo, venho de um lugar na Bahia chamado de Mata Atlântica, sou uma espécie rara e sagrada chamada Biriba, fui retirado da mata com todo carinho e conhecimento ancestral... O mestre esperou a lua ficar no escuro, fez o corte de cima para baixo, me colocou sete dias na água e sete dias secando, tudo isso ainda com casca, depois foi cuidadosamente me raspando até que eu ficasse bem linheiro e por fim foi em busca de auxiliar meu casamento com a Cabaça perfeita, ela seguirá comigo por toda vida, sendo a minha extensão, a minha caixa de ressonância, transformando nosso som, em perfeita harmonia, na mais pura expressão de nosso amor... Ainda emocionado... Cobra Coral continuou... Sobre ter um

dono... Não sei o que isso significa, pois sempre tive na capoeira um parceiro, que cuida de mim como uma extensão de seu próprio corpo e sabe que sem mim, a capoeira não poderá existir, pois sou o MESTRE simbólico da roda... Eu controlo o ritmo e o estilo de jogo, auxiliando o mestre em todo ritual, a partir da decodificação de meus acordes, transformando a roda na mais pura expressão dos fundamentos ancestrais da capoeira... Eu sou a própria capoeira! E, num piscar de olhos, o berimbau de bambu pode perceber o detalhe de uma lágrima em forma de gota, escorrendo pelo corpo da biriba do Cobra Coral, que naquele momento agigantava-se diante do berimbau de bambu, pois mostrava com seu exemplo que o SER sempre estará superior a futilidade do TER, ou seja, o berimbau de bambu, mesmo envernizado, pintado e adesivado, não possuía a felicidade de se sentir parte da Capoeira, considerando sua história de vida e sua relação com um dono que apenas parecia ser um Capoeira.

Um grande balanço nas cargas interrompe a conversa, sinal que o avião estava pousando e em poucos minutos os dois berimbaus estariam separados fisicamente, contudo, eles sabiam que aquele diálogo havia provocado mudanças nos dois e que a partir daquele momento cada um seguiria carregando parte do outro e seus saberes. Assim a tristeza da despedida logo foi transformada em alegria da convivência com a diversidade, pois os dois perceberam mesmo em um compartimento de cargas, frio e inóspito, era possível jogar/dialogar capoeira... Adeus... Adeus... Boa Viagem...

A alegoria simbólica deste diálogo entre os berimbaus nos remete a mais um dilema do universo da capoeira na atualidade, pois propõe uma reflexão em torno dos valores e procedimentos adotados em nossas ações cotidianas, discutindo em que medida nossa subserviência aos ditames comerciais, no âmbito das culturas populares, podem influenciar nas distorções e equívocos da capoeira na atualidade.

9 | Em Busca do Grupo Perfeito

Certa feita uma mãe, que havia sido praticante de capoeira, resolveu sair em busca do grupo ideal para seu filho, logo na primeira esquina percebeu uma academia com grande propaganda de aulas de capoeira. Chegando ao local havia uma escada que dava acesso ao pavimento superior, onde funcionavam as aulas de capoeira. A escada era toda enfeitada com muitas fotos e *banners* com imagens de homens musculosos sem camisa executando movimentos aéreos, alongados e na maioria das vezes, com expressões faciais simulando raiva ou dor.

A mãe pensou: Está capoeira aqui está diferente daquela que pratiquei, mas talvez seja porque estou muitos anos sem praticar e isso tudo represente a evolução da capoeira... Já no piso superior, a mãe notou havia uma pessoa dando aula para muitas outras, na sala havia uma música muito alta e com ritmo acelerado, as pessoas estavam perfiladas, todas de frente para um homem musculoso e com uma roupa cheia de marcas, como um estandarte humano de propaganda. Este homem também conduzia a aula com gritos fortes, palavras de ordem e uma voz intimidadora de grande expressão. A mãe pensou:

Está capoeira aqui está diferente daquela que pratiquei, mas talvez seja porque estou muitos anos sem praticar e isso tudo represente a evolução da capoeira...

A mãe, de forma paciente, aguardou o término da aula e dirigiu-se para falar com o professor, inicialmente a mãe lhe perguntou: Que estilo de capoeira se pratica aqui, pois estou procurando um bom grupo para meu filho? O professor então, com um sorriso largo e simpático, tomou um gole de um isotônico famoso, da mesma marca que estava estampada em seu uniforme e disse: Aqui nós praticamos a capoeira moderna, uma capoeira mais ágil, forte, bonita e acima de tudo, muito eficiente como luta... A senhora já ouviu falar em Anderson Silva, campeão do UFC? Antes da mãe responder o professor continuou: Pois então, como estou lhe dizendo, a capoeira hoje já está até no vale tudo e aqui nos ensinamos de tudo... Pode ficar tranquila, aqui seu filho vai aprender a ser homem, pois eu mesmo vou acompanhá-lo, ensinando-lhe desde o nosso aperto de mão oficial de nosso grupo até as melhores técnicas de finalização em situações de jogo mais duro. Aqui com certeza vamos colocá-lo no eixo e ele ainda estará pronto para resolver qualquer situação nas ruas.

A mãe agradeceu ao professor pela explicação e de maneira educada foi se despedindo e se afastando, quando o professor lhe disse: E sobre seu filho, quando a senhora irá trazê-lo para fazer a matrícula? Tenha muito cuidado, pois os grupos de capoeira desta região não são bons... O nosso está mais

preparado para atendê-la, pois temos muitas filiais espalhadas pelo mundo e eu ainda sou professor de Educação Física... A mãe, que já não suportava mais ficar calada, educadamente pediu um minuto de atenção ao professor, sentou-se em um local mais reservado com o mesmo e lhe disse: Professor, como se chama? Ele respondeu: Sou conhecido nas rodas como “Xícara sem Alça”, a mãe disse: Muito prazer senhor Xícara... Quero lhe agradecer novamente pelas explicações, mas não tenho intenção de matricular meu filho aqui, pois fiquei imaginando como se sente um parafuso torto recebendo marteladas para ficar no eixo... Com certeza, se o parafuso pudesse falar diria AI, AI... Está doendo, e como meu filho pode falar, iria incomodar muito o senhor com seus gritos... Sobre a parte da eficiência técnica para luta, penso que não será necessária para ele, pois tenho ensinado ao meu filho que a melhor maneira de lidar com os conflitos será sempre o diálogo e por incrível que pareça, aprendi isso com um capoeira chamado João Pequeno de Pastinha, mas com certeza o senhor não deve conhecê-lo, pois está capoeira aqui está diferente daquela que pratiquei, mas talvez seja porque estou muitos anos sem praticar e isso tudo represente a evolução da capoeira... A mãe continuou, gostaria de encontrar um grupo para meu filho que fosse capaz de ensiná-lo a conviver com a diversidade e aqui o senhor me disse que até o aperto de mão está padronizado. Quero um grupo no qual meu filho possa desenvolver sua individualidade na relação com o coletivo e que acima de tudo SEJA FELIZ...

Quando vi a forma que o senhor ensina, percebi logo que o senhor conhecia uma parte da Educação Física tecnicista, pois também sou professora de Educação Física, contudo, penso que este método adotado aqui não está de acordo com a ancestralidade da capoeira, pois mata a autonomia e diminui o poder de criatividade e criticidade dos educandos, portanto professor “Xícara” recomendo ao senhor, estude mais sobre a capoeira e os antigos Mestres e só depois tente verificar, qual corrente metodológica da Educação Física será mais apropriada para cumprir nossa tarefa ancestral com a capoeira.

O professor “Xícara sem Alça” ficou em silêncio, ainda perplexo com tudo que havia escutado da simples mãe. A mãe despediu-se e com um sorriso feliz, desejou ao professor um bom dia e lhe fez um último pedido. Que buscasse os mais antigos e com eles tentasse entender o significado de SER capoeira, pois o objetivo principal da capoeira, como prática humana, sempre será levar felicidade aos seus praticantes, independente de estilos e formatações mercadológicas, pois se está capoeira atual representa a evolução, tenho medo de como será no tempo de meus netos.

A historinha acima, mesmo que de maneira fantasiosa, ilustra bem os conflitos vividos na capoeira nos dias de hoje, assim precisamos ficar atentos para não reforçarmos o “opressor” que vive sendo “gestado” internamente, por conta de nossa formação tradicional, adestradora e comercial.

10 | Festas, batizados e encontros

O dia amanhecia de forma encantadora, podia ouvir os pássaros no jardim, o galo já dava sinal de vida e o barulho da cidade grande já invadia o pedacinho de silêncio que envolvia aquela madrugada. Meus pensamentos voavam, pois aquele com certeza era um dia especialíssimo, considerando toda preparação de um ano inteiro, era o dia de meu batismo em Capoeira. Um misto de ansiedade e dúvida precipitava-se em minha mais delgada fibra cardíaca. Lembrava-me de todas as falas do Mestre, dos exercícios, dos ensaios para o show que seria apresentado para os convidados e principalmente de todas as recomendações e responsabilidades de uma pessoa que receberia a primeira graduação.

Na chegada ao ginásio onde aconteceria o evento senti um arrepio estranho e uma forte sensação de dúvida sobre aquele passo importante que daria naquele dia, me tornar um capoeira, batizado na Bahia, mesmo assim segui em frente, passando pela entrada principal da festa, quando fui abordado por meu companheiro de grupo que recepcionava os convidados, ele me olhou de forma tranquila e receptiva e em um gesto de afeto, me deu um abraço e me indicou o caminho

do vestiário... Ufa... Uma etapa vencida... Já estava dentro... Troquei de roupa e fui cumprimentar o meu Mestre, saudando o dono da casa, pois aprendi que desta forma estaria fazendo valer um fundamento ancestral da capoeira e ainda sendo cordial... Logo depois me posicionei na roda e aguardei o momento do jogo.

Na hora de meu jogo oficial para o batismo pude observar por uma fração de segundos o semblante de meu padrinho, um negro alto, forte, vestido de amarelo e preto, com um sorriso largo no rosto e uma forma peculiar de jogar, só pude entender anos mais tarde, pois o nervosismo da hora e minha inexperiência em capoeira não me permitiam compreender naquele momento... Ele olhou para mim antes do jogo e disse: Como se chama capoeira? Eu respondi ainda com a voz tremula... Eu me chamo Jean, mas meu Mestre me disse que somente a partir do batizado eu teria meu nome de capoeira, o apelido. Assim seguimos dialogando, agora só com movimentos e foi mágico aquele momento... Inesquecível...

Hoje, quase três décadas depois da cerimônia de meu batismo em capoeira, fui a mais um dos batizados desta tal capoeira moderna... Aquela que se diz mais rápida e evoluída... A capoeira do futuro... Acreditem, fiquei perplexo com os absurdos... Logo na minha chegada, havia uma figura masculina truculenta e uma mocinha na recepção, ambos de cara fechada e com um ar de superioridade, para mim parecia estranho, pois aprendi que quando somos convidados para uma

festa, somos importantes para o dono da festa e este por sua vez, nos trata de forma cordial e elegante, pois sabe que estamos lá para prestigiá-lo... Seguindo as coisas estranhas... O rapaz truculento da portaria me perguntou: Qual seu nome? Eu respondi: Jean, mas na capoeira sou conhecido como Pangolin... Ele me olhou todo e provavelmente por não ter percebido em mim as características dos superatletas da Capoeira Contemporânea..., deve ter pensado: Mais um capoeira Sabora... (rsrsrsrsrs). Isso tudo, por não caber em seu programa estereotipado de capoeiras, um Mestre sorridente, usando óculos, com poucos músculos aparentes e trajando uma indumentária de referência afrodescendente.

Segui em direção da roda e pude perceber uma musicalidade acelerada e com pouquíssima cadência e quando olhei para o jogo, percebi que os capoeiras não jogavam no ritmo da música.. Por incrível que pareça, eles jogavam mais rápido do que a música, a qual já estava acelerada. Pude observar o Mestre organizador do evento, estava parado na frente da bateria, com uma expressão fechada, de braços cruzados e gritando muito forte com o grupo de crianças que estava sendo batizado... Era possível perceber a expressão de temor no rosto de cada criança naquele lugar. As pessoas entravam para batizar as crianças e faziam de tudo, menos perceber as crianças, estranho, pois ali, os pequenos capoeiras deveriam ser o grande propósito da festa. Fiquei pensando como seria difícil explicar depois para cada criança que aquela pessoa estranha e truculenta que havia

jogado com ela no batizado, deveria ser chamada de padrinho.

Fui cuidadosamente me aproximando da bateria para tocar um pouco, na tentativa de contribuir com a harmonia musical do evento e para minha surpresa fui informado, pessoas de fora do grupo não estão autorizadas, em pegar/tocar nos instrumentos... Hum... Senti-me como um convidado de uma festa de aniversário que foi impedido de cantar os parabéns para o aniversariante, mas mesmo assim segui tentando fazer parte da roda, pois ainda pretendia colaborar respondendo o coro, mas ali fui informado, pessoas de fora não podiam ficar, pois somente à linha de frente estava autorizada a responder o coro e ficar na roda... Pensei... LINHA DE FRENTE?! Poxa?... Eles pensam estar numa batalha, onde os capoeiras são soldados com a função de extermínio, similar as linhas de frente no “front de guerra”... Hum... Realmente eu não poderia fazer parte daquilo... Fui me afastando da roda e, pouco a pouco, me distanciando do local... Quando estava perto da porta de saída o Mestre do evento veio em minha direção e disse... Mestre Pangolin, por favor, volte, não tenha medo... Meus meninos estão PILHADOS por conta do batizado, mas o senhor será sempre bem vindo em nossa festa e lhe prometo, ninguém tocará no senhor. Olhei para o Mestre e lhe disse: Meu camarada venho de um lugar aonde só vai quem tem negócio, pois nem todos sabem o caminho das pedras... Estou aqui para confraternizar, mas percebi que a intenção está sendo outra e por isso estou indo embora, mas te recomendo Mestre Xícara, faça uma visita ao Terreiro de Jesus, península

Itapajipana, Forte da Capoeira ou nas academias dos mais antigos e tente observar como estas pessoas e lugares constroem o cotidiano da capoeira, assim, talvez um dia você possa entender o sentido do MESTRE e da função da capoeira para humanidade... E, por fim, nunca mais esqueça...

QUEM É DE GRUPO NÃO CAI EM GRUPO!

A CAPOEIRA É SOMADA, MULTIPLICADA, SUBTRAÍDA E DIVIDIDA!

O episódio relatado acima, lamentavelmente é uma história verdadeira, sendo apenas preservada a identidade do Mestre Xícara, podendo se confundir com outros inúmeros Mestres sem orientação e que seguem deturpando o significado simbólico dos encontros festivos de matriz africana.

A festa de batizado, criada por volta da década de trinta pelo Mestre Bimba e seus discípulos, possuía uma conotação simbólica de cerimônia iniciativa e ainda uma oportunidade de confraternização para comunidade de capoeira. Neste sentido, as modificações ocorridas na atualidade confundem os princípios da criação Regional e ainda ferem normas básicas de bom senso e civilidade, considerando a perspectiva adotada hoje por parte dos grupos, transformando o batizado em uma oportunidade exclusiva de propaganda da instituição organizadora, hostilizando os convidados, perdendo o sentido de comunhão,

negando a diversidade e principalmente, seguindo uma lógica de mercado que nega a identidade ancestral da capoeira.

Por tudo isso, acredito na necessidade de uma pausa para refletir sobre este tema, pois caso contrário, poderemos ver o dia no qual os eventos de capoeira serão confundidos com alguma etapa do UFC, ou coisa parecida, e isso pelo simples fato de ser um “bom negócio”, prevalecendo à lógica de maior lucro para os organizadores, mesmo que isso custe à morte simbólica de um projeto de mundo mais fraterno, humano e solidário.

11 | Capoeira: A transmutação do sensível ancestral para o racional funcional

A africanidade no ocidente viveu ao longo de séculos a barganha da negociação pela sobrevivência em terras estrangeiras, se reinventando e resignificando símbolos ancestrais de uma estética subjetiva e calcada em outras bases civilizatórias de formação humana, fato que criou uma África abrazeirada e com sotaque cultural mestiço. Assim nos propomos a dialogar sobre tais transformações estéticas no campo da capoeira e sua relação histórica com seus diversos atores sociais.

A figura do Mestre

A capoeira tem na figura do mestre/professor/facilitador seu eixo central de difusão da ancestralidade, depositando neste o papel fundante da sabedoria pela experiência vivida, fruto das cicatrizes deixadas pelos caminhos, dúvidas e incertezas de uma vida de militância cultural pela arte.

Este mestre, para além de um gestor técnico/burocrático institucional, deveria conservar a “magia” de uma estética do aprender/fazendo, primando pelo encantamento sensível de uma pedagogia humanizadora, centrada na democratização

de uma ação pedagógica emancipatória e para diversidade, contrariando a atuação de alguns indivíduos da atualidade que insistem em se rotularem como mestres, pelo simples fato de um encadeamento curricular de graduação e/ou puro e simples exercício de poder.

O mestre desta ocidentalização da africanidade transformou-se numa espécie de gerente comercial da capoeira, uma figura esterilizada do referido encantamento capoeirístico já mencionado, preocupando-se prioritariamente com os números das “maquinas humanas” e muito menos com a complexidade do “ser” subjetivo, que por sua inconstância de formato único, não cabe no projeto mercadológico de produção em série na indústria de construção da famigerada capoeira contemporânea.

Para além do tocar bem, cantar bem, jogar bem e conhecer da história de nossa arte, existe um componente que não se ensina, pois este só podemos sentir, sedimentando-o mediante uma sensibilização progressiva pela alteridade da lida com o diferente, não cabendo na racionalização ocidental de um protótipo mestre.

No intuito de exemplificarmos parte do que escrevemos, sugerimos a escuta das cantigas de Waldemar Rodrigues da Paixão, que mesmo sem a métrica ocidentalizada e a formatação melódica comum para sua época, revolucionou encantando gerações. Neste mesmo sentido, podemos citar o Sr. Washington Bruno da Silva, o Mestre Canjiquinha, que de

forma muito semelhante ao Mestre Boca Rica, mesmo não obedecendo à maneira convencional de se tocar o berimbau, firmam-se como inquestionáveis no campo da musicalidade.

Quando pensamos na estética do movimento, logo lembro de Mestre Carlinhos Canabrava, que com suas firulas e meia luas de joelho, continua pelas rodas da Bahia intrigando pela eficiência e versatilidade, confundindo tecnicamente os atletas de capoeira mais preparados do Brasil.

Lembro-me bem dos encontros com figuras mágicas da capoeira na Bahia, Mestre Dimola, Dois de Ouro, Mario Bom Cabrito, Bobó do Dique, Mica, Paulo dos Anjos, João Pequeno, Dr. Decânio, Martinho do Berimbau, Eziquiel Martins, dentre outros, que possuíam em comum o reconhecimento da Bahia por seus serviços prestados na capoeira e o fato de serem extremamente diferentes uns dos outros. Assim, para mim, esta aí guardada talvez uma das maiores lições da capoeira para a atualidade, o fato de que a nossa maior qualidade deve ser sempre o amor e dedicação ao que fazemos e a forma autêntica pela qual vivemos nossas experiências na grande roda da vida.

A tabulação e quantificação do subjetivo

A lógica de mensuração quantitativa esta presente em tudo que fazemos hoje em dia, ao ponto de desqualificarmos a experiência vivida em função do produto final não alcançado, desconstruindo a ideia de que caminho se faz caminhando e

que as ranhuras e erros do processo são tão valiosas quanto o almejado produto final. Assim, para além do foco em capoeira, acredito que precisamos entender os processos hegemônicos que servem de balizadores desta formação humana cronometrada, cronológica, calculável e cabível em algum código de barras para exportação.

A África, que vive em nós capoeiras, tem clamado por uma subversão desta organicidade cartesiana e mensurável quantitativamente pela máxima da eficiência técnica, da competência de mercado e resultados institucionais, tudo isso em detrimento de uma desburocratização sensível para outra possibilidade de gestão do tempo, de resultados e harmonização institucional.

Queremos dialogar com a ruptura da lógica do mestre/chefe/cacique, para vislumbrarmos o Griot ancestral, parceiro e respeitoso do tempo pedagógico de cada um. Propomos o aprendizado pelas experiências concretas, vivenciadas e sentidas, forçando a racionalidade no confronto de todos os possíveis questionamentos estéticos subjetivos despadronizados, vivendo o jogo pelo jogo, o toque pelo toque e o canto pelo canto, fazendo da corporeidade um repositório do saber ancestral, alimentando a concretude da magia na capoeira, mesmo que esta ainda seja percebida por poucos.

Não descartamos as mediações necessárias com o sistema, considerando os avanços cabíveis que almejamos, contudo precisamos apontar a existência de estratégicos caminhos

diversos e que dentre estes, alguns se aproximam mais ou menos de nossa ancestralidade.

A Capoeira e o Capoeira

Dentre as inúmeras possibilidades de vivenciarmos a capoeira, destacamos aqui os momentos que não conseguimos esquecer com facilidade, a primeira rasteira, o batizado, o movimento conquistado, a cantiga entoada, o toque realizado, mas não pela mecânica de cada ato, mas sim pelas implicações subjetivas destes, pois só assim seremos mais do que o próprio ato em si, seremos a experiência, e esta aí a grande magia, o encantamento, a mordidinha do “bicho capoeira”, aquela que faz Mestre Cafuné de Bimba, aos 75 anos de idade, encantar um grupo de jovens com valores completamente distintos aos dele, em Amargosa, na Bahia.

Assim, acreditamos na ladainha que arrepiá, no jogo que acontece sem necessariamente ter um plano sequencial, aquele que simplesmente acontece... Acreditamos na roda que não conseguimos jogar pelo brilho cultural que paralisa nossa mais íntima fibra muscular... Acreditamos no olhar do MESTRE, que sem dizer uma palavra nos ensina uma vida inteira... Acreditamos na MAGIA DA CAPOEIRA.

Assim, com a força simbólica do sentimento do sorriso de meu filho Théo, do olhar de Kayodê, da presença distante de Ian, da expectativa da chegada da pequena Luiza, da gratidão

de todos que de alguma forma passaram por minhas aulas na capoeira, me transformando em algo melhor... Finalizo agradecendo por tudo que vivi, e principalmente pelas dificuldades encontradas, pois estas me deram a oportunidade de resgatar dividas me libertando do peso das mesmas.

Dedico este texto a Mestra Brisa e ao Mestre Strong, por tudo que tenho aprendido com eles sobre respeito e valorização de meu Mestre...

Iê camará.

12 | Capoeira Baiana: entre a militância cultural e o fortalecimento conjuntural

O movimento da capoeira na Bahia tem se defrontado nos últimos anos com inúmeros desafios, dentre estes, podemos destacar as inúmeras tentativas para interromper o crescimento exponencial da capoeira “produto”, mercadorizada, espetacularidade e esterilizada de seus princípios norteadores ancestrais. Assim, neste movimento, queremos dialogar com algumas estratégias de autopreservação adotadas por alguns membros da comunidade de capoeira, tentando refletir sobre os avanços e perdas desta caminhada, diante da conjuntura do modo de produção capitalista e suas ingerências na capoeiragem.

Historia, Capoeira e Exclusão social

A análise histórica da capoeira em nosso Brasil nos revela inúmeras contradições na interlocução com o sistema capitalista, refletindo um processo de constantes negociações sociais, com intuito principal de sobreviver contrapondo aquilo que hora apresentava-se como símbolo de exclusão do negro e/ou de sua matriz cultural. Como exemplo podemos citar: A criação da Luta Regional Baiana, o movimento em torno da

sistematização da Capoeira Angola, a desportivização da capoeira, dentre outras. Assim, fica fácil perceber o “jogo” sempre realizado entre os agentes sociais e a conjuntura adversa para seguirem lutando por dias melhores.

O “jogo” citado acima sempre foi marcado por resignificações, que pretendiam transformar os símbolos da resistência negra em algo “palatável” ao olhar do branco, fazendo com que algo que parecia subserviência fosse disfarçadamente uma semente para contestação de direitos sociais da comunidade de matriz africana, como no caso do termo “vadiação”, em que “vadiar” virou alegoricamente, para comunidade de capoeira, marca de um bom jogo, com a melhor roupa possível (domingueira), sendo este símbolo mais tarde reconhecido como fundamento da mais alta estirpe de mestres na Bahia.

Conforme citado acima, os exemplos de militância ao longo da história são muitos, contudo todos eles trazem um elemento em comum, a necessidade de contrapor o sistema, criando alternativas de fuga do processo de exclusão social e reafirmação de princípios da africanidade no Brasil. Assim seguiremos agora dialogando com algumas tentativas mais atuais, organizadas por um coletivo de capoeiras na Bahia, para o enfrentamento contra os ditames do capital.

Avanços e Contradições da Militância Cultural Atual

A abertura política dos anos oitenta possibilitou uma

série de avanços no amadurecimento crítico da sociedade em geral, mesmo que este ainda não fosse capaz de superar alguns problemas do coletivo mais pobre e sem acesso a informação sistematizada formalmente. Ainda assim, foi possível perceber a ampliação da participação dos capoeiras em movimentos sociais, marchas políticas, partidos, dentre outras, criando uma ambiência mais politizada nas “rodas”, mudando a toada do berimbau e ampliando o senso crítico da comunidade.

Alguns capoeiras, com mais acesso a educação formal, começam a ler os clássicos do Marxismo e passam a tentar adotar em suas práticas princípios da “esquerda brasileira” e com estes, trazem para as “rodas” um toque “panfletário/partidário”, em alguns casos, ingênuo e pouco eficaz, pois desconsiderava, em sua retórica a pouca proximidade, da grande maioria da comunidade de capoeira, em relação aos conteúdos formais, desprezando símbolos identitários de matriz africana historicamente constituídos, como: Aprender fazendo, oralidade, ancestralidade, memória, circularidade, dentre outros, em detrimento de uma fala, na maioria dos momentos, rancorosa, de pouca afetividade e conseqüentemente de pouca efetividade transformadora.

Não queremos com isso desqualificar o referencial Marxista, mas sim, ter o bom senso de apresentá-lo a um público com o mínimo de “ferramentas” necessárias para decodificá-lo, emitindo um posicionamento crítico, pois caso contrário, estaremos substituindo apenas um processo manipulativo

por outro, considerando que esta foi a estratégia histórica da “direita” se perpetuar no poder, pois de acordo ao próprio referencial Marxista, a burguesia se mantém no poder também pelo controle e manipulação das informações veiculadas para classe operária.

Tenho observado graves distorções no campo do que se configurou como “resistência cultural”, pois as alegorias elegidas por alguns membros da comunidade, ao contrario do que estes imaginam, tem reforçado o processo de exclusão e fortalecido o sistema contra os capoeiras, pois existe uma linha tênue entre resistência e a subserviência, considerando todas as armadilhas do capital.

Alguns capoeiras, acreditando contestarem o sistema, têm se travestido de miseráveis, isso quando não o são realmente, adotando uma postura rude, trejeitos marginais, pouca higiene corporal, uso de substancias alucinógenas licitas e não licitas, abandono de símbolos culturais historicamente constituídos pelas escolas de Bimba, Pastinha e outros antigos e ainda com um discurso de negação das conquistas de exercício da cidadania, mascarando o sistema que efetivamente tira todos estes direitos humanos.

O grande equívoco desta “contestação” reside no fato da mesma não propor uma alteração no processo de exclusão, pois se considerarmos o discurso de que devemos ficar sujeitos, usar drogas e negar o conhecimento formal constituído, sob a premissa de que isso nos remontaria ao estilo de vida dos mais

antigos mestres, estaremos reforçando a exclusão social enfrentada pelos capoeiras e não contestando esta, pois com certeza, a dura realidade enfrentada por nossos ancestrais não foi fruto de suas escolhas, mas sim, falta de opções para uma vida melhor. Assim, ao contrario do que alguns imaginam, este tipo de “militância cultural” apenas tem reforçado os instrumentos de manipulação de massa, reforçando processos de exclusão e marginalização da capoeira.

Capoeira e militância: entre a alteração de símbolos e manutenção das estruturas

Nesta parte de nosso texto queremos dialogar com a ideia do pedagogo russo Pistrak, que em seu livro “A escola do trabalho”, nos apresenta a reflexão de que não basta alterar o conteúdo sem modificar a forma estruturante dos mesmos, pois por mais revolucionário que pareça um conteúdo, este precisará, para desenvolver-se criticamente, de um método revolucionário, caso contrario, o conteúdo pouco alterará o processo de recodificação social vigente. Assim fica fácil compreender o tamanho da ingenuidade de quem pensa que o simples fato de mudar o material simbólico das graduações em capoeira pode alterar a conjuntura, ou mesmo, o fato da negação da utilização na indumentária da cor branca ou amarelo e preto Pastinha, pode alterar a estrutura de configuração cultural das escolas de capoeira.

Quando refletimos sobre o exemplo das graduações, considerando o argumento de que, para a dinâmica da capoeira, a utilização de cordões seria mais tradicional do que a utilização de cordas, percebemos o grande abismo de falta de informação e estudos sobre o processo histórico das graduações em capoeira, pois, se seguíssemos a lógica do que seria mais “tradicional” em capoeira, deveríamos ter como referenciais em uma escala de maior ou menor ancestralidade a partir das seguintes possibilidades:

- 1) Ausência de sistema de graduação visível (Títulos de reconhecimento popular exclusivamente);
- 2) Sistema de graduação da Luta Regional Baiana com lenços de ceda;
- 3) Sistema de graduação Senavox / capoeira estilizada com fitas;
- 4) Sistema de graduação por cordas, criado em meados da década de 60;
- 5) Sistema de graduação por cordões, criado na década de 70 para vincular a capoeira a federação baiana de pugilismo;
- 6) Sistema de graduação por faixas. Assim, do ponto de vista histórico, fica fácil perceber o esvaziamento de tese que tenta fundamentar o uso de cordões como símbolo mais tradicional na Capoeira.

Outro aspecto considerável reside no fato de que todos os sistemas de graduação possuem em comum a marca

hierarquizadora do currículo de formação em capoeira, sendo estes formatados para adaptar a mesma as necessidades de cada tempo histórico, tendo todos em sua matriz, muitas semelhanças, mesmo estas sendo pouco visíveis a partir do olhar desaviado e despreparado, de foco unicamente nas alegorias que os representam.

Acreditamos que se firma como fundamental o papel de uma militância cultural em torno de valores e princípios ancestrais de reconhecimento da matriz africana em capoeira, contudo esta precisa reconhecer na diversidade a unidade de sua força, não tentando substituir um paradigma por outro, mas sim valorizando uma multiplicidade de expressões que possam sempre dialogar com aquilo que representa a “raiz” da estrutura fundante da capoeira.

Sugiro, para alguns dos influenciados pela moda tardia da uma leitura Marxista totalitária e excludente, uma reflexão sobre a necessidade de avançarmos propositivamente, criando espaços de convergências e não de divergências, focando na tolerância e respeito às diferenças o braço de “luta” mais forte contra a conjuntura do capital, pois não basta mudar o conteúdo sem alterar a forma estruturante do movimento, ou seja, precisamos imaginar/contextualizar o Karl Marx e outros em uma roda na Ribeira tocando berimbau.

As armadilhas do sistema são muitas, dividindo os irmãos, elegendo falsos heróis, transformando vítimas em vilões, recriando símbolos esvaziados de real poder de contestação e

ainda pulverizando nossas ações de luta contra a industrialização da capoeira “MacDonald”.

Se este movimento equivocado, frágil e sem referencia, representa a “militância cultural” na Capoeira, por favor me INCLUA fora dele.

Iê Viva meu Mestre Câmara.:

Este livro foi composto na tipografia Leitura Roman 1,
em corpo 11.5/17.25, no formato 150 x 210mm, miolo
impresso em papel Polén 80 gramas e capa no papel
Supremo 250 gramas, no sistema Heidelberg Speedmaster
SM 102 da Gráfica e Editora Regente Ltda.

2014